

Leituras Crí ti cas

SOARES, F.C. (2020). *A VIA LÁCTEA. UM PERCURSO LITERÁRIO (1974-2020)*. EDIÇÕES HÚMUS. VILA NOVA DE FAMALICÃO: 435 PP.
MÁRIA CARLOS LINO DE SENA ALDEIA

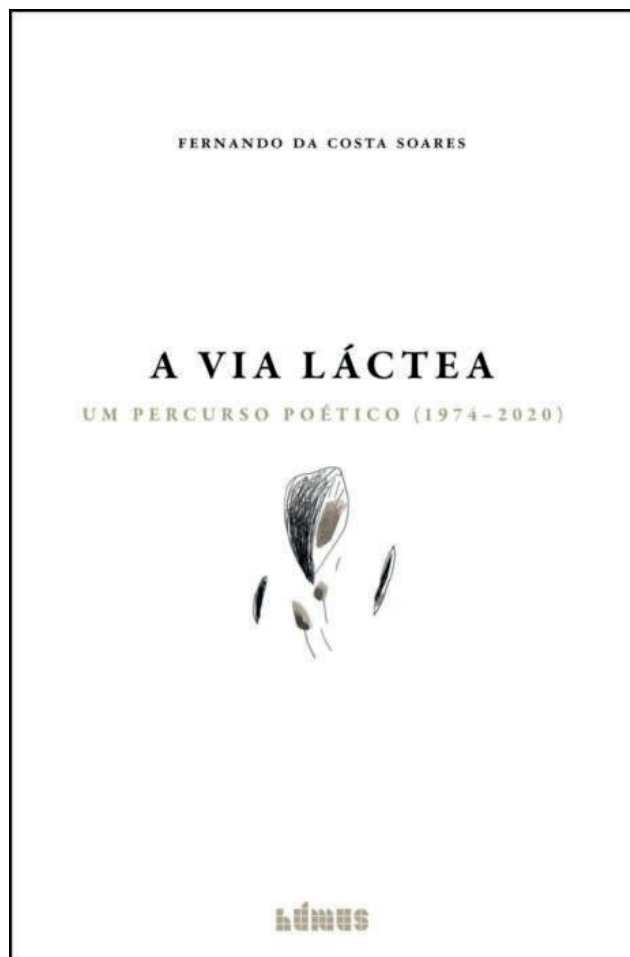
DAL FARRA, M.L., VILELA, A.L., SILVA, F.M., FINA, R. (ORGS.) (2021). *100 ANOS DO LIVRO DE MÁGOAS. RELEITURAS DA OBRA DE FLORBELA ESPANCA*. SOL NEGRO EDIÇÕES/ARC EDIÇÕES. NATAL: 376 PP.
MATTEO PUPILLO

LEITE, J. (2021). *ITINERÁRIO DO TEMPO*. PEDRO & JOÃO EDITORES. SÃO CARLOS: 175 PP.
WELLINTON RAFAEL DE ARAÚJO GUIDA

Soares, F.C. (2020). *A via láctea. Um percurso literário (1974-2020)*.

Edições Húmus. Vila Nova de Famalicão: 435 pp.

MARIA CARLOS LINO DE SENA ALDEIA¹



Na profundidade das alturas
Há milhões de anos
Adejou a asa negra
Da ave que ambos fomos
No princípio
(F. da Costa Soares)

A via láctea, de Fernando da Costa Soares, tal como aponta o seu subtítulo, *Um percurso poético (1974-2020)*, reúne vários livros do autor editados ao longo do período indicado, intitulados *Espaços*, *Subjetivo imaginado – Ensaio poético*, *O conceptual e o poético*, *Entre o espaço e o tempo*, *Dispersão – Da poesia à prosa*, *A fugacidade das palavras* e ainda um livro inédito, *Uma perspetiva poética do quotidiano*.

A abordagem crítica à obra far-se-á globalmente, dado que são muitas as temáticas comuns aos vários livros e tratadas formalmente de modo bastante idêntico, havendo embora algumas diferenças entre eles, sobretudo em

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7569-6431>.

razão da amplitude cronológica das publicações. Por motivo da sua extensão, ater-nos-emos a apenas algumas linhas de leitura.

Trata-se de um conjunto de textos poéticos ou em prosa poética em que preponderam as revisitações nostálgicas do passado e onde o revivalismo das emoções e sentimentos se entrelaçam amiúde nos imaginativos espaços interestelares, paisagens fantasmáticas, quotidianos comezinhos, com sonhos de eternidade e anseios de perfeição absoluta. «Existe na memória / Um lugar de encontro / entre o fulcro das essências» (p. 50), «[...] floresta de corpos / Que se me foram desfolhando / Ao longo do passado // Juncando de amargura / A minha vida» (p. 96), «Queria recordar / matematicamente / A distância que liga esta estrela / que brilha / À minha reminiscente / consciência» (p. 104). Em muitos dos textos predomina um realismo descritivo muito centrado no novo mundo tecnológico ou científico, «[...] mundo das meta ocorrências mediáticas e dos fluxos (de imagem, de consumo, da mobilidade, das linguagens digitais [...])» (Carmelo, 2005: 18), um realismo a que poderíamos chamar «novo-realismo», para usar uma expressão de Fernando Guimarães (2008: 126), distinta da referente à estética neorrealista, esta caracterizada por ser «engagée», ao passo que aquela não é reconhecida por essa peculiaridade mas antes pelo recurso ao coloquialismo e ao pragmatismo. Frequentemente os textos têm também um assento de ironia melancólica.

A apreensão de sentido por parte do leitor vai-se fazendo paulatinamente, em razão de um frequente hermetismo discursivo, em que o autor discorre sobre acontecimentos da realidade quotidiana, caldeando-os com recordações, revivalismos de sentimentos e impressões, tudo fluindo ao correr da pena, num discurso desconstruído, fragmentário, recorrendo, frequentemente, a uma imagética surreal. A toda esta fluência verbal junta o sujeito poético abundantes citações de textos de carácter técnico, científico ou literário, ou referências a autores de variados domínios do saber, que nomeia e com os quais dialoga, amiúde, em intertexto.

A rapariga mais nova era aquela que levava a sua bicicleta na mão; o ar decidido, o fio de prumo que a atravessava de lado a lado atirava-a para a figuração permanente que tinha de Albertina como se toda a «Recherche» se encontrasse aberta mesmo ali entre as duas e letra por letra se fosse deixando ler com a mesma passividade de todas as mulheres sintetizadas no corpo da primeira... (p. 173)

ou

A linha das águas entretanto nascidas entre o mundo que as separava do sítio onde tinha encontrado o R136 quebrava-se de modo a fazer jorrar dos abismos dos mares a espuma que simulava a mais perfeita trajetória dos espaços. Os antigos espaços siderais que hoje já não tinham quaisquer laivos de serem considerados como o centro do mundo

Este centro entretanto desfocado pelos milhões de partículas artificialmente criadas pelos processadores foi-se contraindo num espasmo figurativo onde brilhava de novo o alvorecer da Via Láctea. (pp. 298-299)

Os revivalismos também passam por um «regresso ao tempo dos heróis» (Carmelo, 2005: 83), ainda que seja um herói coletivo, como no poema «Epopéia perdida (II)» (Soares, 2020: 55), «Outrora / éramos audazes / duma audácia contida / Mas que se sentia / nos olhos dos marinheiro», «[...] / Atirávamos ao mar a aventura / Como se não houvesse cantos de sereias // Arremessávamos ao céu as epopeias» (p. 55).

Os textos são também eminentemente reflexivos sobre múltiplos temas, pelo que, dada a extensão temática, selecionámos apenas alguns, como o da existência, designadamente o sentido da vida, em que o sujeito considera que a pretensão de uma vivência intensa em que «Este desvario de querer viver / Sempre a vida num clímax» pode ser suplantado pela sublimidade do amor, o amor como sentimento idealizado, mas também como objetivo de vivência plenamente realizada, «Que extraordinário foi o dia / Em que compreendemos / que não é assim / Em que o círculo / passado-presente-futuro / Parou como a roleta / num pleno / No ponto onde encontrámos / o amor» (p. 99); a transitoriedade da vida e de todas as coisas do universo, bem como o horizonte da morte originando a angústia ontológica que paira sobre a existência humana, estão igual-

mente presentes, «Ausente perdida agarrada ao espasmo da / transitoriedade da vida» (p. 244) e «o decurso da existência entre o nada do ser e a placidez do paroxismo da morte...» (p. 245), «O drama originário do nascer» e «[...] o drama final da morte do ser» (p. 123), bem como a efemeridade de quase tudo ou deslumbramento do ser humano perante a grandeza incomensurável do Universo «[...] turbilhão de milhões de buracos negros a flutuar num além do nada e num aquém de tudo o que alguma vez se poderia vislumbrar...» (p. 247); cogita igualmente o sujeito literário acerca das inquietações do homem na sua atormentada caminhada pela vida em busca de resposta para as suas dúvidas existenciais, «perdermo-nos num dédalo de interrogações sobre / os mistérios da vida e da morte que nos atirava / para o êxtase» (p. 365); discorre sobre a solidão do homem no mundo e a «[...] náusea de [a] querer transcender» (p. 181), em que o «outro» tem um papel fundamental de ligação do «eu» ao mundo e na satisfação da sua necessidade de afeto «[...] De querer a semelhança entre nós e o Mundo / De abraçar quem quer que seja / Num ponto qualquer do infinito» (p. 171), mas manifestando também dificuldade de compreensão do «outro», «[...] um desejo vão de compreender o “outro”» (p. 98), em razão da própria complexidade na total apreensão do seu próprio «eu»; reflexões em torno da ambiguidade da linguagem e a impossibilidades que se sente, por vezes, de transmitir o que nos aflige através do verbo

«[...] incapacidade de passar a palavras / o que nauseava a consciência» (p. 180); ou ainda a necessidade da busca incessante da verdade sobre as máculas do passado humano, atrocidades ocorridas ao longo da história da humanidade, «Abraso-me na procura da verdade», «Debruço-me na amurada do navio da memória / Espraio o olhar / [...] / Mancho de sangue as recordações / Dos mortos / Sacio-me de culpas / Destruo-me quando penso na indiferença / Que tive perante todas as batalhas» (p. 81). Ademais, encontramos reflexões sobre o mal, bastas vezes por antinomia com o bem, «Gozando de um prazer / Que saindo do mal / Era tão só um antípoda do bem» (p. 114) , «O mal que se funde com o ódio» (p. 116), o mal como «[...] mórbido prazer de afirmação do eu» (p. 113), ou a perversidade, a subversão erótica, vistas como estimulante sexual «[...] desejo de percorrer bordéis / e acalantar vinganças / E de misturarmos o sémen no sangue / Até exalarmos no grito dos espasmos / O veneno / Que faz reflorir o nosso amor» (p. 115), o mal desvalorizado quer pelo distanciamento temporal em que ocorreu ou até subvertido pela sua fixação «[...] em retratos históricos / Assumi[ndo] através de um sopro estético / A grandeza das coisas infinitas / Ou a própria essência / Da bondade» (p. 117). Uma multiplicidade de outras reflexões de pendor filosófico, como no caso do poema extenso «A propósito dos existencialismos», com referências à morte de Deus nietzschiana, ou à náusea existencial sartriana, assim como as

interrogações heideggerianas sobre o sentido do ser, ou ainda a tentativa de o sujeito poético explicitar o seu entendimento sobre o surrealismo expresso no Manifesto de Breton, através da descrição de um real quotidiano quase todo extraído de informações jornalísticas ao acaso elencadas ao correr da escrita, sem quaisquer preocupações seletivas ou estéticas, à semelhança do que seria a escrita automática gerada apenas pelo fluxo do inconsciente. De salientar outras elucubrações acerca da evolução científica, designadamente o desenvolvimento da inteligência artificial, com os benefícios que oferece ao ser humano, mas atentando também em alguns malefícios que ela pode carrear.

O erotismo percorre grande parte de toda a poesia, quase sempre figurações femininas do passado do sujeito poético, dando-nos frequentemente nota de um amor cansado, desgastado pelas marcas indeléveis que o tempo provoca nos corpos e no espírito, «amores pulverizados pelo tempo» (p. 50), «[...] floresta dos corpos / Que se me foram desfolhando ao longo do passado // Juncando de amargura / A minha vida» (p. 96), mas também em manifestações de maior intensidade ou mesmo transgressão erótica, «E como era nos abafados gritos / Nos orgasmos / recordados uns / imaginados outros» (p. 145), «A volúpia do ar que respirámos / O langoroso passado dos orgasmos» ou «As marcas de dedos nas carótidas de mulheres imaginadas» (p. 399).

Temos consciência de que muito fica por referir relativamente a uma obra extensa como esta, extremamente intelectualizada e fragmentária, mas também com rasgos de grande criatividade e qualidade literária. No entanto, apesar das limitações que as referidas características impõem e a subjetividade sempre imanente a uma apreciação desta natureza, estes foram alguns dos pontos que, nos tendo merecido mais atenção, se espera poderem dar um pequeno vislumbre do conteúdo da obra em análise. Como já salientámos, são muitas as citações de pequenos excertos de obras e referências a autores consagradamente representativos nos diversos domínios das ciências, da literatura ou das artes visuais que o autor

convoca, numa intertextualidade erudita, visando servir o seu propósito maior, intrínseco à intencionalidade poética, de contribuir «para dar um sentido à vida, minorar a consciência do sofrimento da existência e aproximar o homem da espiritualidade» (p. 8).

Bibliografia

Carmelo, L. (2005). *A novíssima poesia portuguesa e a experiência estética contemporânea*. Publicações Europa-América. Mem Martins;

Guimarães, F. (2008). *A poesia contemporânea portuguesa. Do final dos anos 50 ao ano 2000*. (3.^a ed. rev. e aum.). Edições Quasi. Vila Nova de Famalicão;

Soares, F.C. (2020). *A via láctea. Um percurso poético (1974-2020)*. Edições Húmus. Vila Nova de Famalicão.